

Uso de plataformas livres para o fortalecimento da historicidade e resistência ao epistemicídio afropindorâmico

Use of free platforms to strengthen historicity and resistance to the Afropindoramic epistemicide

Aline Grein Pires¹, Frederick M. C. van Amstel²

RESUMO

O fortalecimento da historicidade e a resistência ao apagamento do conhecimento afropindorâmico são questões fundamentais que demandam estratégias eficazes. O uso de plataformas digitais é uma das estratégias para promover o acesso aberto e democrático ao conhecimento produzido por pessoas cujos ancestrais vieram de África. Porém, as plataformas digitais são permeadas por dinâmicas de poder e dominação baseadas em relações de classe e raça que reforçam a marginalização das comunidades mais vulneráveis, dificultando o acesso equitativo aos recursos digitais e restringindo a participação efetiva dessas comunidades na produção e no compartilhamento de conhecimento. O objetivo da pesquisa foi evidenciar como plataformas digitais livres são utilizadas pelos povos historicamente oprimidos para fortalecer sua historicidade, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância do protagonismo desses povos na escrita de sua própria história. Essa abordagem reconhece a necessidade de superar o colonialismo digital para valorizar as vozes e perspectivas desses grupos marginalizados, contribuindo para uma compreensão mais justa, inclusiva e precisa da história.

PALAVRAS-CHAVE: historicidade; plataformas livres; povos afropindorâmicos.

ABSTRACT

The strengthening of historicity and the resistance against Afro-indigenous epistemicide are fundamental issues that require effective strategies. In this sense, the use of open-source platforms plays a crucial role in promoting open and democratic access to knowledge, as well as in challenging the oppressive structures that perpetuate the marginalization and suppression of Afro-descendant voices.

In the context of technology and the digital age, these dynamics of power and domination have significant impacts on class and race relations. They reinforce oppressive structures that perpetuate the marginalization of more vulnerable communities, making equitable access to digital resources difficult and restricting the effective participation of these communities in the production and sharing of knowledge. In short, the research's goal was to highlight how open-source platforms are used by historically oppressed peoples to strengthen their historicity, while also emphasizing the importance of these peoples' agency in writing their own history. This approach recognizes the need to value the voices and perspectives of these marginalized groups, contributing to a fairer, more inclusive, and accurate understanding of history.

KEYWORDS: historicity; open-source platforms; Afropindoramic people.

INTRODUÇÃO

A promoção da historicidade e a resistência ao epistemicídio afropindorâmico exigem estratégias eficazes, incluindo o uso crucial de plataformas livres para democratizar o acesso ao conhecimento e desafiar estruturas opressivas. No contexto tecnológico, o poder desigual impacta relações de classe e raça, perpetuando a marginalização e limitando a participação das comunidades vulneráveis na produção de

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: alinep@alunos.utfpr.edu.br. ID Lattes: 3722080359353794.

² Docente no Departamento de Desenho Industrial - DADIN. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: vanamstel@utfpr.edu.br. ID Lattes: 9051304038571264.



conhecimento (FAUSTINO e LIPPOLD, 2022). O colonialismo digital acentua isso, impondo padrões ocidentais, explorando recursos e marginalizando perspectivas locais.

Para combater essa realidade, as plataformas livres são vitais, permitindo acesso aberto e desafiando opressões digitais. A pesquisa examinou como esses grupos usam plataformas acessíveis e de código aberto para registrar e compartilhar narrativas históricas e culturais. Também ressaltou a importância de capacitar esses povos a contarem suas próprias histórias, desafiando narrativas dominantes e promovendo compreensão autêntica e inclusiva. Em resumo, a pesquisa evidencia como plataformas livres são usadas por povos oprimidos para preservar sua história e enfatiza seu protagonismo na narrativa histórica, contribuindo para uma compreensão mais justa, inclusiva e precisa da história.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A contação da história a partir da perspectiva dos povos colonizados, como indígenas e africanos, desencadeia um impacto profundo tanto em como esses grupos se veem quanto na sociedade como um todo. Por muito tempo, essas comunidades foram excluídas dos espaços de produção e disseminação do conhecimento, levando à subvalorização e marginalização de suas narrativas históricas, culturas e saberes. Reconhecer a problemática inerente à construção dessas narrativas por meio de visões eurocêntricas oferece uma oportunidade vital para resgatar e dar destaque às perspectivas, experiências e contribuições únicas desses povos para a evolução da sociedade (ALVES e ÖGIYÂN, 2020). O conceito de "historicidade" tem grande relevância nas áreas da filosofia, história e ciências sociais, referindo-se à natureza do tempo e seu papel na interpretação dos eventos históricos. Implica que todos os acontecimentos históricos são moldados pelas circunstâncias específicas da época. Além disso, a "historicidade" sugere que a interpretação e compreensão dos eventos históricos estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Isso reflete a influência do contexto histórico na maneira como tais eventos são compreendidos e narrados (BARBOSA e REGO, 2017).

Na perspectiva afrodiáspórica, Abdias do Nascimento, renomado intelectual e ativista brasileiro, introduziu o conceito de "quilombismo", inspirado nas comunidades quilombolas formadas por pessoas negras fugitivas da escravidão no Brasil. Ele propôs o "quilombismo" como uma ideologia de libertação e empoderamento da população negra (NASCIMENTO, 1980). Esse conceito destaca a importância de resgatar e valorizar a herança africana, reconstruindo a identidade afrodescendente e fortalecendo a solidariedade entre as comunidades negras no Brasil e na diáspora africana.

O termo "afropindorâmicos" amplia a discussão étnico-racial no contexto da sociedade brasileira. Ele abarca as influências culturais africanas e indígenas nas Américas (que denominavam este território de Pindorama, dentre outros nomes), refletindo uma diversidade de manifestações artísticas, religiosas, musicais, culinárias e linguísticas. Reconhecer e valorizar essa identidade é central na luta por igualdade de direitos e reconhecimento da contribuição desses povos, combatendo o racismo (BALDUINO, 2021). Essa abordagem valoriza pensadores negros e tradições intelectuais e ativistas como fundamentais na luta pela liberdade.

O movimento de valorização deste conhecimento enfrenta desafios frente ao colonialismo digital, termo que denota desigualdades tecnológicas entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento, marginalizando e explorando comunidades. Essa exploração é evidente na apropriação de dados, imposição de padrões ocidentais e



subjugação de culturas locais. Isso enfatiza a necessidade de alternativas e projetos sociais que enfrentam essa desigualdade, como as plataformas livres (FAUSTINO e LIPPOLD, 2022).

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem metodológica que combinou três principais métodos: etnografia de traços, revisão bibliográfica, e etnografia da infraestrutura. A etnografia de traços consistiu em uma análise detalhada de vestígios digitais, como registros em plataformas livres e documentos históricos, para compreender eventos passados e práticas culturais relevantes para a pesquisa (GEIGER e RIBES, 2011); a revisão bibliográfica envolveu a busca e análise crítica da literatura existente sobre o tema de estudo, a fim de contextualizar e embasar a pesquisa com base nas teorias, conceitos e descobertas anteriores; a etnografia da infraestrutura focalizou a análise das relações entre a infraestrutura tecnológica, as plataformas livres e as comunidades envolvidas, examinando como esses elementos interagem e influenciam a preservação da história e o combate ao epistemicídio dos povos afropindorâmicos (STAR, 1999).

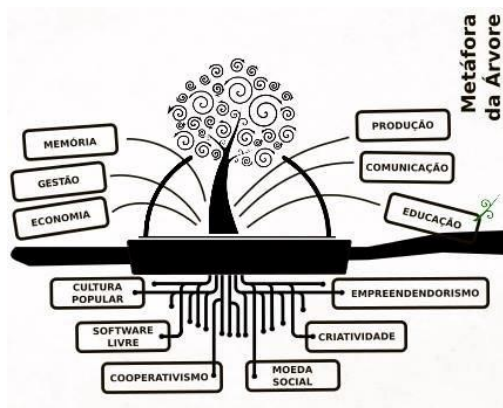
Ao combinar esses métodos, a pesquisa buscou obter uma compreensão abrangente da importância das plataformas livres na preservação da história, nas formas como os próprios grupos oprimidos estão se organizando para que as suas histórias e cultura sejam reconhecidas e na promoção do protagonismo na luta contra o epistemicídio dos povos afropindorâmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através de uma análise etnográfica realizada na plataforma Corais, foram identificados numerosos registros de projetos culturais com ênfase na colaboração e no fortalecimento da história, tradições, práticas e crenças de comunidades afro-diaspóricas, indígenas e quilombolas. A plataforma Corais serviu como uma valiosa ferramenta para diversos projetos, como a Produtoras Culturais Colaborativas em REDE, eles trabalharam de forma colaborativa na escrita de textos, realizaram votações e compartilharam os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto na plataforma. O resultado foi a criação de um projeto abrangente voltado para a capacitação de produtoras culturais colaborativas e independentes, promovendo a cultura e a preservação de conhecimentos tradicionais ao mesmo tempo que promove a economia local (CORAI, 2011).

Durante a pesquisa, um dos membros da plataforma Corais se destacou por suas contribuições e opiniões sobre o uso da ferramenta: Zezito de Oliveira. Ele tem utilizado a plataforma desde 2014 e é um dos colaboradores do projeto "Produtoras Culturais Colaborativas em REDE", que opera de forma colaborativa e horizontal. Além da REDE, seus conhecimentos compartilhados na plataforma promoveram o desenvolvimento de outros projetos presentes em diversas partes do Brasil. Além de Zezito de Oliveira, existem outros colaboradores que desempenham papéis importantes na REDE (REDE, 2014). Como ilustrado nas Figuras 1 e 2, a REDE realiza uma variedade de oficinas e rodas de conversa com o objetivo de fortalecer a cultura local e disseminar conhecimentos sobre colaboração, autogestão, educação e o papel da memória na construção de uma sociedade mais igualitária. O foco é ampliar e diversificar o acesso à cultura, tornando-a uma fonte de renda e união comunitária.

Figuras 1 e 2 – Metáfora da Árvore indicando as vertentes do projeto e a imagem de uma oficina sobre tecnologias sociais realizada pela REDE



FONTE: Plataforma Corais 2011 e REDE.

Esta estruturação do conhecimento e o seu compartilhamento é uma prática já estudada e disseminada pelo pensador quilombola piauiense, Nego Bispo, ele reflete sobre o seu papel na preservação dos conhecimentos ancestrais, cujas práticas são baseadas na oralidade, e se autodenomina um tradutor: “não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, estou me posicionando como um tradutor. Minhas mães velhas e meus pais velhos me formaram pela oralidade, mas eles mesmos me colocaram na escola para aprender, pela linguagem escrita, a traduzir os contratos que fomos forçados a assumir” (BISPO, 2015). Nessa afirmação ele destaca um interesse coletivo de uma população forçadamente marginalizada em compartilhar os seus conhecimentos, cultura e costumes. A relevância do acesso à educação era recorrente nos textos de Freire, em Educação como Prática de Liberdade ele coloca a educação como uma ferramenta contra as estratégias de subversão, e que somente com um saber democrático, incorporado não de forma autoritária, mas como uma conquista comum a democracia seria realmente uma realidade (FREIRE, 1967).

Nego Bispo encontrou na escrita de livros uma forma de contra colonizar, ou seja, reeditar as trajetórias de seu próprio povo a partir das suas próprias matrizes, se alinhando também aos traços digitais deixados por Zezito, onde o seu foco com todo o trabalho em tecnologias sociais é primeiramente no desenvolvimento do saber a partir do “ser” e não com a ansiedade ocidental do “ter” e do lucro. Zezito, assim como muitos outros usuários encontrou na Corais um espaço para organizar o seu projeto, adquirir conhecimento a partir de saberes adicionados por outros usuários/colaboradores da plataforma e também gerar conhecimento que foi utilizado por outras pessoas, a partir de suas experiências (CORAIS,2011).

As plataformas livres desempenham um papel fundamental na contracolônização, no resgate da ancestralidade e na promoção da autonomia das comunidades historicamente oprimidas. Elas capacitam essas comunidades a contar suas próprias histórias, preservar e compartilhar seu conhecimento, conectar-se com outras comunidades e desafiar as estruturas de poder dominantes. As plataformas livres promovem uma maior diversidade de vozes e contribuem para a construção de uma



sociedade mais inclusiva, justa e igualitária, incluindo a tecnologia digital na contracolonização. É importante destacar que a tecnologia por si só não resolve todas as questões relacionadas à opressão e à injustiça. Existem desafios, como a exclusão digital, a desigualdade de acesso e o uso indevido de tecnologias para perpetuar a opressão.

CONCLUSÃO

O uso de plataformas livres pode permitir que os povos historicamente colonizados tenham maior controle sobre a narrativa de suas próprias histórias e vivências, proporcionando uma alternativa às tecnologias que tendem a dominar e controlar a produção do conhecimento histórico.

Ao documentar os dados qualitativos encontrados por meio dessas plataformas livres, juntamente com os depoimentos dos usuários e desenvolvedores, foi possível criar um registro valioso das perspectivas e experiências dos povos afropindorâmicos. Esse registro pode contribuir para a preservação da história desses povos e para o combate ao epistemicídio, que é a negação ou marginalização dos conhecimentos e saberes de determinados grupos. Essa abordagem busca promover a inclusão e a participação ativa dos afropindorâmicos nos meios acadêmicos, reconhecendo a importância de suas perspectivas e experiências na construção do conhecimento. Ao abrir espaços para que essas vozes sejam ouvidas e valorizadas, é possível promover uma abordagem mais inclusiva, diversa e descolonizada no campo acadêmico, rompendo com a hierarquia de conhecimentos e promovendo uma colaboração genuína entre saberes tradicionais e acadêmicos.

As plataformas livres e a autogestão são ferramentas que podem desafiar o colonialismo digital. Plataformas digitais permitem que comunidades contem suas histórias do próprio ponto de vista, enquanto a autogestão concede controle sobre desenvolvimento, governança e conteúdo. Essa abordagem fortalece o protagonismo e oferece espaço para colaboração. A valorização da autogestão requer suporte, recursos e capacitação adequados. Em resumo, essas perspectivas e conceitos revelam a complexidade das narrativas históricas e culturais, desafiando marginalização e opressão e promovendo inclusão, igualdade e justiça (LOPES, N. & SIMAS, L. A, 2020).

Portanto, o uso de plataformas livres oferece uma alternativa importante para subverter o controle total da narrativa histórica e possibilitar que os povos afropindorâmicos sejam os protagonistas na escrita e preservação de suas próprias histórias, vivências e conhecimentos. Isso fortalece a luta contra o epistemicídio e promove a valorização da diversidade cultural e dos saberes tradicionais desses povos. No entanto, é importante reconhecer que as barreiras de acesso digital, como a conectividade limitada e a exclusão digital, ainda afetam muitas comunidades afrodescendentes. Sendo assim, a promoção do acesso igualitário à internet e a luta pela inclusão digital são componentes essenciais para garantir que as plataformas livres sejam efetivamente utilizadas como ferramentas de preservação da historicidade e resistência ao epistemicídio afropindorâmico.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meu agradecimento ao CNPq pela concessão da bolsa PIBIC, que possibilitou a realização desta pesquisa. Também agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) por proporcionar a oportunidade de explorar e aprofundar meu conhecimento por meio desta pesquisa. Além disso, sou imensamente grata ao meu orientador, Frederick Van Amstel, pelo constante apoio, orientação valiosa e incentivo ao longo deste percurso de pesquisa.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. C; ÒGIYÀN, O, K, **A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas**, Porto Alegre, 2020.

BALDUINO, P. **Histórias de vida e ancestralidades afro-pindorâmicas em Foco**. Ensaio para a Revista Linhas Críticas v.27. 2021.

BARBOSA, M. C.; REGO, A. R. 2017. **Historicidade e Contexto em perspectiva Histórica e Comunicacional**. Revista FAMECOS, 24(3), ID26989, 2017.

BISPO, A. S. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília. INCTI, UnB, 2015.

CORAIS, **Sobre a Plataforma Corais**, 2011. Disponível em: <https://www.corais.org/node/983>.

FAUSTINO, D; LIPPOLD, W, **Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana** In: **Estamos sobre ataque!**, ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

FREIRE. P. **Educação como Prática de Liberdade**, 1967.

GEIGER, R. S.; RIBES, D. **Trace Ethnography: Following Coordination Through Documentary Practices**. In: Proc HICSS. IEEE, 2011.

LOPES, N. & SIMAS, L. A. **Filosofias Africanas: Uma Introdução**, 2020.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista**, São Paulo, 1980.

REDE, C. **Produtoras Culturais Colaborativas em REDE**, 2014. Disponível em: <https://www.corais.org/colaborativas/>.

STAR, S. L. **The ethnography of infrastructure**. American Behavioral Scientist, vol. 43, no. 3, pp. 377–391, 1999.